WIKIPÉDIA
A enciclopédia livre

Batalha Naval do Riachuelo

A **Batalha Naval do Riachuelo**, ou simplesmente **Batalha do Riachuelo**, travou-se a 11 de junho de 1865 às margens do arroio Riachuelo, um afluente do rio Paraná, na província de Corrientes, na Argentina.[1] Foi evento decisivo e vitorioso, o marco da vitória brasileira na guerra sendo considerada pelos historiadores militares como uma das mais importantes batalhas da Guerra do Paraguai (1864-1870).[2]

A data da batalha é definida como data magna da Marinha do Brasil.[3]

O cenário

A bacia do rio da Prata era estratégica para as comunicações entre o Oceano Atlântico e os contrafortes orientais da Cordilheira dos Andes. O transporte de pessoas, animais e de mercadorias era feito pelos rios, uma vez que quase não havia estradas até à segunda metade do século XX. O país que controlasse a navegação de seus rios, mas principalmente a sua foz, controlaria o interior do território e a sua economia.

O Paraguai não tinha uma saída direta para o mar, uma vez que a bacia estava em mãos da Argentina e do Uruguai, este último em constante disputa entre os interesses da República Argentina e do Império do Brasil. Por essa razão, as fortificações mais importantes do Paraguai tinham sido erguidas nas margens do baixo curso do rio Paraguai.

No início do conflito, as tropas paraguaias já haviam ocupado áreas da então Província do Mato Grosso (atual Estado do Mato Grosso do Sul), no Império do Brasil, e da República da Argentina. Se vencessem a batalha do Riachuelo, poderiam navegar livremente pelo rio Paraguai, descer o rio Paraná, conquistar

Batalha Naval do Riachuelo	
Guerra do Paraguai ou Guerra da Tríplice Aliança	
Data	11 de junho de 1865 (161 anos)
Local	Rio Paraná, Argentina 27° 33' 44.0" S 58° 50' 21.0" O (http://tools.wmflabs.org/geohack/geohack.php?language=pt&pagename=Batalha_Naval_do_Riachuelo&params=27_33_44.0_S_58_50_21.0_W_type:landmark_region:AR)
Desfecho	Decisiva vitória brasileira
Beligerantes	
Paraguai	Império do Brasil
Comandantes	
Ignacio Meza Tenente Robles † Coronel Bruguez	Almirante Barroso J. Secundino
Unidades	
Marinha de Guerra Paraguaia Exército Paraguaio	Armada Imperial Brasileira Corpo de Fuzileiros
Forças	
Naval: 1 472 combatentes 7 navios (38 canhões) 6 chatas	**Naval:** 2 287 combatentes: 1 113 da marinha 1 174 do exército

Montevidéu no Uruguai e, de lá, ocupar a então Província do Rio Grande do Sul. Formar-se-ia assim o Grande Paraguai, que se abriria ao comércio atlântico com as demais nações.

Terrestre:	9 navios (59 canhões):
1 200 soldados	1 Fragata
22 canhões	3 Corvetas
2 Baterias Congreve	5 Canhoeiras
Baixas	
351 mortos	104 mortos
567 feridos	142 feridos
4 navios afundados	20 desaparecidos
6 chatas afundados	1 navio afundado
	2 navios encalhados

Antecedentes da batalha

Coube ao Almirante Joaquim Marques Lisboa, Visconde de Tamandaré, depois Marquês de Tamandaré, o comando das Forças Navais do Brasil em Operações de Guerra contra o Governo do Paraguai. A Marinha do Brasil representava praticamente a totalidade do Poder Naval presente no teatro de operações. O Comando-Geral dos Exércitos Aliados era exercido pelo Presidente da República da Argentina, General Bartolomeu Mitre. As Forças Navais do Brasil não estavam subordinadas a ele, de acordo com o Tratado da Tríplice Aliança. A estratégia naval adotada pelos aliados foi o bloqueio. Os rios Paraná e Paraguai eram as artérias de comunicação com o Paraguai. As Forças Navais do Brasil foram organizadas em três Divisões - uma permaneceu no Rio da Prata e as outras duas subiram o Rio Paraná para efetivar o bloqueio.

Almirante Joaquim Marques Lisboa, o Marquês de Tamandaré.

Com o avanço das tropas paraguaias ao longo da margem esquerda do Paraná, na Província de Corrientes, Tamandaré resolveu designar seu Chefe do Estado-Maior o Chefe de Divisão (posto que correspondia a comodoro, ou almirante de uma estrela em outras Marinhas) Francisco Manuel Barroso da Silva, para comandar a força naval que estava rio acima. Barroso partiu de Montevidéu em 28 de abril de 1865, na *Fragata Amazonas*, e se juntou à força naval em Bela Vista. A primeira missão de Barroso foi um ataque à cidade de Corrientes, que estava ocupada pelos paraguaios. O desembarque ocorreu, com bom êxito, em 25 de maio. Não era possível manter a posse dessa cidade na retaguarda das tropas invasoras e foi preciso, logo depois, evacuá-la, mas o ataque deteve o avanço paraguaio para o sul, ao longo do Rio Paraná. Ficou evidente que a presença da força naval brasileira deixaria o flanco dos invasores sempre muito vulnerável. Era necessário destruí-la, e isso motivou Solano López a planejar a ação que levaria à Batalha Naval do Riachuelo.[4]

Os combatentes

A esquadra paraguaia, partindo de Humaitá na noite de 10, devia regular a sua marcha de modo a atingir a esquadra brasileira nas primeiras horas da madrugada de 11 de junho. Cada um dos navios paraguaios devia abordar um dos navios brasileiros. Se algum destes conseguisse repelir a abordagem, teria a sua retirada cortada por uma bateria previamente assestada no barranco sobre o canal Riachuelo, duas léguas abaixo da cidade de Corrientes. *Ide e trazei-me os navios brasileiros!* foram as palavras de Lopes quando

terminou a proclamação que dirigiu à sua esquadra no momento da partida de Humaitá. A distância poderia ser percorrida em cinco ou seis horas, mas uma avaria no vapor *Iberá* não permitiu efetuar a surpresa antes do romper do dia, e só às 9 horas as duas esquadras se avistaram.[5]

Império do Brasil

A Força Naval Brasileira que bloqueava o rio Paraná estava fundeada ao lado do Chaco, a 25 km ao sul de Corrientes e fronteiro a um monumento denominado *A Coluna*, ereto na margem esquerda do rio. Era composta de 11 navios, mas no dia da batalha contava só com 9; outros dois: as canhoneiras *Itajái* e *Ivaí* encontravam-se destacadas em ponto distante rio abaixo. A força era formada pela 2ª e 3ª Divisões da Esquadra. A frota composta de nove navios de guerra estava armada com 59 bocas de fogo, levando a bordo 1 113 fuzileiros navais e 1 174 soldados do Exército Imperial. Somavam um total de 2 287 homens. Seu comandante em chefe era o Almirante Francisco Manuel Barroso da Silva.

2ª Divisão Naval: Chefe de Divisão Almirante Francisco Manuel Barroso da Silva

Fragata a vapor *Amazonas* (1852-1897) da Marinha do Brasil

Corveta *Parnaíba* (1858-1865) destruída nas batalhas de 1865

Canhoeira *Araguari* (1858-1882) na Baía da Guanabara

Navio	Casco	Ton.	Poder de fogo	Potência	Notas	Comandante
1 Fragata Amazonas (Capitânia)	Aço Couraçado	1050 t	**6** (**1** 70 £ e **5** 68 £)	300 cv		Capitão de Fragata Teotônio Raimundo de Brito
2 Corveta Parnaíba	Madeira Couraçado	637 t	**7** (**1** 70 £, **2** 68 £ e **4** 32 £)	120 cv	Encalhada. Foi Seriamente avariada.	Capitão-Tenente Aurélio Garcindo Fernandes de Sá
3 Canhoeira Mearim	Madeira Couraçado	415 t	**7** (**3** 68 £ e **4** 32 £)	100 cv	Alarmou a Armada Imperial	Primeiro-Tenente de Marinha Elisiário José Barbosa
4 Canhoeira Araguari	Madeira Couraçado	400 t	**5** (**3** 68 £ e **2** 32 £)	80 cv		Primeiro-Tenente de Marinha Antônio Luís von Hoonholtz
5 Canhoeira Iguatemi	Madeira	400 t	**5** (**3** 68 £ e **2** 32 £)	80 cv		Primeiro-Tenente de Marinha Justino José de Macedo

3ª Divisão Naval: Comandante Capitão de Mar e Guerra José Secundino de Gomensoro

Navio	Casco	Ton.	Poder de fogo	Potência	Notas	Comandante
6 Corveta Jequitinhonha	Madeira	637 t	**7** (**2** 68 £ e **5** 32 £)	130 cv	Encalhada. Destruída em combate no dia seguinte.	Capitão-Tenente Joaquim José Pinto
7 Corveta Belmonte	Aço Couraçado	602 t	**8** (**1** 70 £, **3** 68 £ e **4** 32 £)	120 cv	Encalhada. Foi Seriamente avariada.	Primeiro-Tenente de Marinha Joaquim Francisco de Abreu
8 Canhoeira Beberibe	Madeira	560 t	**7** (**1** 68 £ e **6** 32 £)	130 cv		Capitão-Tenente Joaquim Bonifáco de Santana
9 Canhoeira Ipiranga	Madeira	325 t	**7** (**7** 30 £)	70 cv		Primeiro-Tenente de Marinha Álvaro Augusto de Carvalho

República do Paraguai

A marinha paraguaia era composta de 8 navios armados com 38 bocas de fogo, contando ainda com sete baterias flutuantes "chatas" comandadas por tenentes de artilharia, montando cada uma um canhão de 68 libras. Estas "chatas" eram rebocadas ao campo de batalha por um navio à exceção do "Salto Oriental" Entre a tripulação figuravam 400 marinheiros entre os oito navios e outros 72 a bordo das chatas. Somando 472 marinheiros que foram agregados com quinhentos combatentes do 6º Batalhão de Infantaria a bordo. A esquadra guarani era comandada pelo Comodoro Pedro Ignácio Mezza. Foram posicionadas nas barrancas da Foz do Riachuelo 22 peças de artilharia e duas baterias à "Congreve" com 1 200 atiradores do exército paraguaio que estavam posicionados em terra, comandados pelo Tenente-Coronel José María Bruguez. Dois outros navios da esquadra paraguaia não participaram do combate e ficaram fundeados águas acima do rio em razão de avarias, o *Vapor Paraná*, comandante Gutierres e o *Vapor Yberá*, sob comando do Tenente Pedro Victorino Gill, tivera problemas mecânicos e atrasou a chegada da frota paraguaia ao campo de batalha.

Navio	Casco	Ton.	Poder de fogo	Potência	Notas	Comandante
1 Corveta Tacuarí (Capitânea)	Aço	730 t	**8** (**2** 68 £ e **6** 32 £)	130 cv		Comodoro Pedro Ignácio Meza
2 Corveta Paraguarí	Aço	627 t	**8** (**2** 68 £ e **6** 32 £)	120 cv	Afundou em combate.	Primeiro-Tenente de Marinha José M. Alonso
3 Vapor Ygureí	Madeira	548 t	**7** (**3** 68 £ e **4** 32 £)	130 cv		Capitão de Corveta Remigio Cabral
4 Vapor Marquês de Olinda	Madeira	300 t	**4** (**4** 18 £)	80 cv	Neutralizado em combate e abordado. Posteriormente destruído.	Tenente de Navio Ezequiel Robles
5 Vapor Salto Oriental	Ferro	255 t	**4** (**4** 18 £)	70 cv	Afundou em combate.	Alferes de Marinha Vicente Alcaraz
6 Vapor Yporá	Madeira	226 t	**4** (**4** 32 £)	80 cv		Capitão de Fragata Domingo Antônio Ortíz
7 Vapor Jejuy	Madeira	120 t	**3** (**3** 18 £)	60 cv	Afundou em combate.	Tenente de Marinha Aniceto López
8 Vapor Pirabebé	Ferro	150 t	**1** (**1** 8 £)	60 cv	Canhões ficaram indisponíveis.	Tenente de Marinha Toribio Pereira
9 Vapor Rangel	Madeira	90 t	Desarmado	50 cv	Rebocado para ser utilizado como navio transporte	Primeiro-Tenente Pedro Victorino Gill

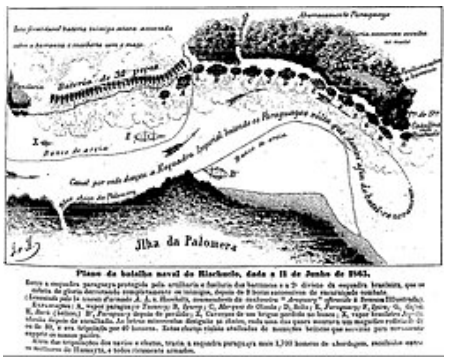
A batalha

Na manhã de 11 de junho de 1865, domingo da Santíssima Trindade, por volta das 8h30m. após ter sido arriado o sinal de rancho, preparam-se as toldas do *Amazonas* e do *Jequitinhonha* para a celebração da Missa. Perto das 9h00m. a canhoneira *Mearim*, navio de vanguarda e de prontidão avançada, iça o sinal de *Inimigo à vista*, e logo após outro sinal: *os navios avistados são em número de oito.*. Barroso, a bordo da Fragata *Amazonas*, faz o primeiro sinal *Preparar para o combate* e depois *Safa geral*, *Despertar os fogos das máquinas* e a seguir: *Suspender ou largar amarras por arinques e boias, ou até por mão, como melhor convier*.

A primeira carga

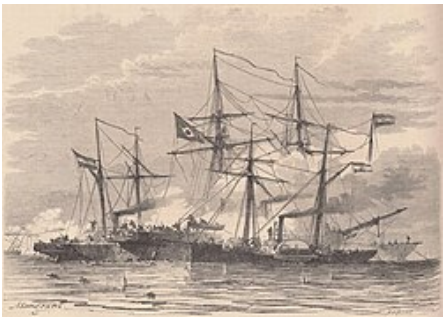
Às 9h 25 min, a esquadra brasileira está na formação em escarpa voltada águas acima. Barroso iça o sinal *O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever*, seguido de outro, com instruções de combate: *Atacar e destruir o inimigo o mais de perto que puder*. Os paraguaios descem o rio, perfilham-se com a esquadra brasileira, trocam-se tiros, duas chatas paraguaias são afundadas e um terceira avariada; o *Jejuí*, também atingido e seriamente avariado, vai abrigar-se na beira do Riachuelo para reparos. A esquadra paraguaia desce o rio, faz a volta um pouco abaixo do Riachuelo, torna águas acima e encosta-se na curva do

Riachuelo a jusante das suas baterias de terra; as chatas, fundeadas e preparadas, aguardam a resposta brasileira. Descendo, a frota paraguaia se estira ao longo e perto da margem esquerda do Paraná, entre a boca do Riachuelo e a saliência do Rincão de La Graña, a jusante dos 22 canhões inimigos assestados em terra.



Plano da batalha naval do Riachuelo.

Batalha Naval do Riachuelo.


O *Parnaíba* sofre o choque de três vapores paraguaios (*Le Monde illustré*, nº 436, 19/08/1865).

Momento decisivo: o *Amazonas* põe a pique o vapor paraguaio *Jejuy* (aquarela do Almirante Trajano Augusto de Carvalho).

A segunda carga

Às 10h50m - A esquadra brasileira começa a se mover águas abaixo na direção dos paraguaios, a *Amazonas* repete o sinal *Atacar e destruir o inimigo o mais perto que puder. A Corveta Belmonte* vai a frente e abre fogo às 11h20m, sofre com o fogo combinado dos navios e das baterias de terra, é fortemente fustigada, a água lhe invade o porão. Comunica à capitânia que as bombas não dão vazão e faz contramarcha, dirige-se ao banco mais próximo, na ilha Cabral e aí encalha para não ir a pique e se recuperar.

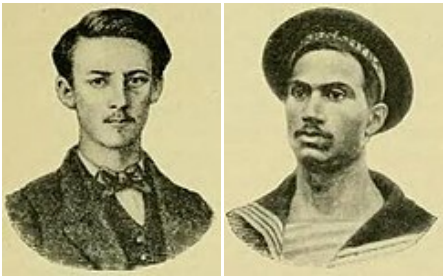
11h25m - A *Amazonas* investe na vanguarda e abre fogo contra as baterias inimigas e recebe a resposta a bala e metralha. Segue-lhe a *Beberibe* às 11h40m. abre fogo, seguem-lhe a *Mearim* pelo canal e a *Araguari*, esta repele uma tentativa de abordagem dos inimigos *Taquari*, *Marquês de Olinda* e *Paraguari*. Às 11h50m A *Ipiranga* investe pelo canal trocando tiros com a linha inimiga e consegue atravessar. Às 12h10m a esquadra brasileira concluíra a primeira passagem águas abaixo.

De 12h05m às 13h. A *Jequitinhonha*, segundo maior navio da esquadra do Brasil, encalha antes de passar pelo canal, a pouca distância das baterias de terra do Cel. Bruguez, é atacada com vigor pela artilharia das barrancas e responde a altura com os canhões de bombordo, mas não pode mover-se, ainda assim consegue repelir a tentativa paraguaia de abordagem simultânea pela *Taquari,* do *Marques de Olinda' e da* Paraguari. A *Parnaíba* deixa a formação e vai águas acima em socorro da *Jequitinhonha*, bate o leme num banco e depois é atingida no leme; o comandante tenta governá-la só com as velas, mas vêm em sua direção o vapor *Paraguari* pela proa, o *Taquari* por bombordo e o *Salto* por estibordo. A situação da esquadra brasileira nesta hora é crítica: A *Belmonte* e a *Jequitinhonha* encalhadas fora de combate e a *Parnaíba* sofre a abordagem e a bandeira brasileira no navio é arriada.

A luta pela *Parnaíba*

Deu-se voz de *preparar para abordagem,* o comandante mandou tocar a máquina a toda força e foi sobre o *Paraguari*, este abriu-se quase ao meio, viu-se perdido e só teve tempo de buscar a praia e a tripulação o abandonou. No entanto a capitânia *Taquari*, o *Salto* e logo depois pela popa o *Marques de Olinda*

realizaram a abordagem. Os paraguaios em luta corpo a corpo tomam o navio desde a popa até o mastro grande, nesta luta sobressaem do lado dos brasileiros o Guarda-Marinha João Guilherme Greenhalgh, o Imperial Marinheiro Marcílio Dias, o Capitão do 9º Batalhão de Infantaria Pedro Afonso Ferreira e o Tenente do mesmo batalhão Feliciano Inácio Andrade Maia mortos na defesa da embarcação e da bandeira. A bandeira brasileira é arriada pelos paraguaios. São 575 os atacantes e 263 os defensores. O comandante da *Parnaíba* dá ordens de incendiar o paiol de pólvora para que a embarcação não caia em mãos do inimigo. A luta dura uma hora, a esquadra brasileira, a *Araguari e a Beberibe* fazem águas acima e vêm em seu socorro,[6] neste momento os navios paraguaios abandonam o costado da *Parnaíba.*



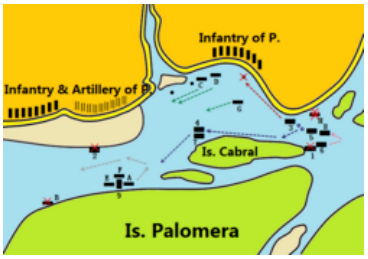
Greenhalgh e Marcílio Dias.

A terceira carga

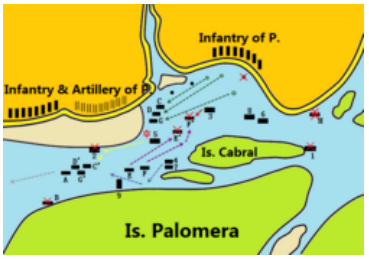
14h00m. A batalha está na fase mais crítica e indecisa. A *Amazonas*, tendo descido o rio e completado a volta, investe águas acima e sinaliza *sustentar o fogo que vitória é nossa* e, por ordens de Barroso, joga a proa contra o casco do *Jejuí* e o põe ao fundo, a seguir joga a proa contra uma das Chatas paraguaias e a afunda. Livre da abordagem, a *Parnaíba* iça novamente a bandeira brasileira. A fragata *Amazonas* avistando o *Salto* parado repetiu a manobra afundando-o, a manobra se repete mais uma vez contra o *Marques de Olinda* que atingido pela proa da *Amazonas* desce o rio desgovernado à deriva para encalhar mais abaixo. A esquadra paraguaia perde 4 embarcações e 4 chatas, o restante surpreendido pela manobra foge em retirada rio acima perseguida pela *Beberibe* e pela *Araguari* que os fustiga com os seus canhões até se distanciarem. Às 17h30m a batalha está terminada, com clara vitória da esquadra comandada por Barroso. A *Belmonte* se acha alagada e inutilizada e a *Jequitinhonha* encalhada.

A vitória foi decisiva para a Tríplice Aliança, que passou a controlar, a partir de então, os rios da bacia platina até à fronteira com o Paraguai, garantindo todo o apoio logístico às forças de terra e bloqueando qualquer ajuda ou contato de López com o exterior.[7]

Primeira carga



Segunda carga



Terceira carga

Ordens

Ficaram famosas na História Militar Brasileira as mensagens transmitidas às embarcações brasileiras pelo Almirante Barroso, através da sinalização de bandeiras:

- "*O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever!*"[8]
- "*Sustentar o fogo, que a vitória é nossa!*"[8]

Galeria

Local batalha do Riachuelo.

Plano da batalha naval do Riachuelo (por Antônio Luís von Hoonholtz, publicado em *Semana Ilustrada*, 1865).

Plano da batalha naval do Riachuelo em francês (*Revue maritime et coloniale*, tomo 15, 1865).

Gravura mostrando um aspecto da Batalha Naval do Riachuelo: A canhoneira *Mearim* (Comandante Elisiário Barbosa) dando socorro ao *Parnaíba* 10 minutos depois de abordada (14h30min).

Combate do Riachuelo.

A *canhoneira Araguari* (comandante Hoonholtz) incendiando o vapor inimigo *Paraguarí* debaixo do fogo das baterias paraguaias do Riachuelo (Suplemento da *Semana Ilustrada*.).

Batalha do Riachuelo (gravura de Cosson-Smeeton e Lebreton, a partir de um desenho de Félix Vogeli, publicada em *L'Illustration*, 1865.)

Momento decisivo da batalha naval do Riachuelo quando Barroso põe a pique o *Jejuí* (aquarela do Almirante Trajano Augusto de Carvalho).

O *Parnaíba* sofre o choque de três vapores paraguaios (por Morel-Fatio e Bourcier, publicado em *Le Monde illustré*, 1865).

Combate Naval no Riachuelo em 11 de junho de 1865.

A *Fragata Amazonas* com o pavilhão do Chefe Barroso e comandada pelo Capitão de Fragata, Brito, pondo a pique um vapor (gravura de von Hoonholtz, publicada em *Semana Ilustrada*, 1865).

O *Vapor Ipiranga*, comandado por Álvaro de Carvalho, abalroa e incendeia o vapor de guerra paraguaio *Saltó* (16 horas do dia 11/06/1865) (gravura de von Hoonholtz, publicada em *Semana Ilustrada*, 1865).

A canhoneira *Araguary*, comandada por Hoonholtz, perseguindo quatro vapores paraguaios (*Semana Ilustrada*, 1865.).

A canhoneira *Araguary* aprisionando chatas paraguaias na noite de 11 de junho de 1865 (M. A. de Castro Menezes, *Semana Ilustrada*, 1865).

O capitão-tenente Garcindo, comandante da canhoneira *Parnaíba*, mandando incendiar o paiol do seu navio (ilustração de Henrique Fleiuss, publicada na *Semana Illustrada*).

Morte do Guarda-marinha Greenhalgh em defesa do pavilhão brasileiro (*Semana Ilustrada*, 1865).

Os vapores *Ipiranga* (com. Álvaro de Carvalho), *Mearim* (com. Barbosa), *Araguari* (com. Hoonholtz) e *Iguatemi* (com. Coimbra), trabalhando para desencalhar o *Jequitinhonha* (Henrique Fleiuss, *Semana Ilustrada*, 1865).

O vapor *Jequitinhonha*, incendiado pelo guardião do *Amazonas*, Pedro Tape (*Semana Ilustrada*, 1865).

A canhoneira *Araguary*, comandada por Hoonholtz, incendiando o *vapor Marquês de Olinda* (*Semana Ilustrada*, 1865).

Quadro de Eduardo de Martino retratando a Batalha do Riachuelo.

Cópia do quadro *Combate Naval do Riachuelo*, de Victor Meirelles, por Oscar Pereira da Silva.

Ações de 11 e 13 de junho (*Cabichuí*, 1867).

Ver também

- História militar do Brasil

Referências

1. herik (9 de maio de 2017). «Batalha Naval do Riachuelo» (https://www.marinha.mil.br/batalha-naval-do-riachuelo). *Marinha do Brasil*. Consultado em 28 de junho de 2019
2. herik (9 de maio de 2017). «Batalha Naval do Riachuelo» (https://www.marinha.mil.br/batalha-naval-do-riachuelo). *Marinha do Brasil*. Consultado em 6 de setembro de 2021
3. «Marinha comemora 156 anos da Batalha Naval do Riachuelo» (https://www.gov.br/defesa/pt-br/centrais-de-conteudo/noticias/marinha-comemora-156-anos-da-batalha-naval-do-riachuelo). *Ministério da Defesa*. Consultado em 6 de setembro de 2021
4. «História da Batalha de Riachuelo» (http://www.mar.mil.br/11jun08/HistoriadaBatalha.htm)

5. MAIA, Prado. A Marinha de Guerra do Brasil na Colônia e no Império. José Olympio Ed. Rio: 1965
6. Subsídios para a História Marítima do Brasil. Serviço de Documentação Geral da Marinha. Ministério da Marinha. Rio de Janeiro: 1965.
7. «Lutas e Revoluções, Batalha do Richuelo» (http://www.brasil.gov.br/sobre/o-brasil/lutas-e-revolucoes/batalha-do-riachuelo). Portal Brasil. Consultado em 15 de abril de 2012
8. «A Batalha Naval do Riachuelo» (http://hmmb.com.br/artigo0407.html). Ordens e Medalhas Militares do Brasil

Bibliografia

- Donato, Hernâni. *Dicionário das Batalhas Brasileiras*. São Paulo: Editora Ibrasa, 1987.
- Doratioto, Francisco Fernando Monteoliva. *Maldita Guerra: Nova História da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

Ligações externas

- A importância da A Batalha Naval do Riachuelo na História do Brasil, (https://www.mar.mil.br/hotsites/11jun2015/index.html)
- Batalha do Riachuelo, Conflitos da América Latina, Área Militar. (http://www.areamilitar.net/HISTbcr.aspx?N=41)
- Batalha do Riachuelo, Pires de Alameida. (http://www.almanaque.cnt.br/riachuelo.htm)
- Batalha Naval do Riachuelo, Marinha do Brasil. (https://www.marinha.mil.br/batalha-naval-do-riachuelo)

Obtida de "https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Batalha_Naval_do_Riachuelo&oldid=72525440"